

-----ACTA Nº 02-----

-----ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE 25 ABRIL DE 2011-----

-----Aos 25 dias do mês de Abril de 2011, pelas 11:00 horas, reuniu a Assembleia Municipal de Torres Vedras, em Sessão Solene, para comemorar o 37.º Aniversário do 25 de Abril de 1974, no Grupo Desportivo de Runa.-----

-----Presidiu, o Sr. Alberto Manuel Avelino, tendo sido secretariado pelo Primeiro Secretário António Fernando Alves Fortunato e pelo Segundo Secretário Mara Isabel Baptista Eleutério.-----

-----Anota-se que para além da presença de alguns membros da Assembleia Municipal, do Presidente da Câmara e dos Vereadores do Órgão Executivo, estiveram também presentes as seguintes Associações do Concelho:-----

-----Associação Cultural Recreativa de Ribeira de Matações, Agrupamento de Escuteiros de Runa, Grupo Desportivo de Runa, Grupo Desportivo do Ramalhal, Associação Desportiva e Beneficente de Santo António do Varatojo, Rancho Folclórico e Etnográfico “Os Camponeses do Varatojo”, Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras, Associação Desportiva Recreativa e cultural da Bordinheira, Associação Agrária Cultura e Recreio do Bonabal, Associação Cultural Recreativa Desportiva do Casal Cochim, Grupo Desportivo da Serra da Vila, Grupo Desportivo Recreativo de Boavista-Olheiros, Associação Moradores da Fonte Grada, Grupo Desportivo e Recreativo de Casalinhos de Alfaiata, Grupo Desportivo, Ponterrolense, União Desportiva do Oeste, Clube de Campismo e Caravanismo de T. Vedras, Associação de Socorros da Freguesia de Ramalhal, Cooperativa de Comunicação e Cultura Centro Social Cultural Recreativo e Desportivo do Ameal, Clube de Futebol “Os Paulenses”, Associação Desporto Recreio Cultura e Melhoramentos de Dois Portos, Centro Comunitário de Torres Vedras, Associação Desportiva da Orjariça, Sociedade Filarmónica Ermegeirense, Associação de Moradores de Concelhos e Poços, Associação Recreativa e Cultural da Praia da Assenta, Sport Clube União Torreense, Associação d Socorros de A-dos-Cunhados, Grupo Desportivo de Matações, Clube Desportivo de A-dos-Cunhados, Atlético Clube Barroense, Associação Reformados do Concelho de T. Vedras, Associação Socorros da Freguesia de Freiria, Associação dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras e Associação de Socorros de Dois Portos.-----

-----O Presidente da Assembleia Municipal, Sr. Alberto Avelino começou por cumprimentar todos os presente e deu início à sessão solene, dando a palavra ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Runa, **Sr. José António Margaça**, que proferiu o seguinte discurso:-----

-----Exmo Sr. Presidente da Assembleia Municipal,-----

-----Exmo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras,-----

-----Exmos Senhores Vereadores,-----

-----Exmos membros da Assembleia Municipal,-----

-----Exmos Srs. e caros colegas Presidentes de Junta,-----
-----Estimados convidados das instituições aqui presentes, e-----
-----Estimados cidadãos aqui presentes.-----
-----Reunimos hoje aqui para celebrar mais um aniversário do 25 de Abril de 1974, comemorações que
ocorrem num momento muito particular da vida nacional.-----
-----Vivemos tempos muito difíceis, a palavra crise é um dado adquirido na conversa do dia a dia dos
portugueses, não pode, por isso mesmo ser iludida ou escamoteada.-----
-----É certo que ao longo destes anos de democracia e de liberdade muito foi conseguido e construído e
a prova disso é a aquisição dos terrenos da Várzea de Mateus para futuro parque de lazer, com projecto
em andamento e o centro educativo que hoje será inaugurado, pelo qual queria agradecer às pessoas
que trabalharam para este projecto, neste e no mandato anterior, porque só unidos conseguiremos levar
o nome da freguesia a bom porto. O meu obrigado a todos.-----
-----É neste esforço de, com poucos recursos se tentar fazer o mais possível, que Portugal se encontra
hoje a braços com a necessidade de ajuda externa. Num Portugal em que o que o encerramento de
empresas e aumento de desemprego de uma forma galopante, de pessoas com dificuldades extremas e
que até há uns anos atrás viviam desafogadamente, de uma justiça que não funciona, de famílias que já
não conseguem pagar a prestação de sua casa, ou pagar os estudos de seus filhos nas universidades.----
-----É triste mas é a realidade em que nos encontramos. Começam por isso os portugueses a interrogar-
se que futuro lhes reserva.-----
-----Um país que de uma vez por todas sobretudo na sua classe politica tem que entender que o estado,
tal como as famílias não podem gastar e investir mais do que aquilo que produzem, ou seja sem
condições de pagar no futuro.-----
-----Um país que mercê da globalização, vive cada vez mais à mercê dos ditos mercados, os quais
reflectindo uma total ausência de valores e princípios éticos, contribuem e de que maneira para o
agravamento da crises que vivemos. Resta-nos a esperança que a dimensão ética e a responsabilidade
social recuperam um lugar central usando novas regras de controlo supervisão das instituições e dos
mercados financeiros.-----
-----É no meio de tudo isto, que mais uma vez os portugueses em função do direito conquistado no 25
de Abril, serão novamente chamados a exercer o seu direito de opção de futuro, através do voto.-----
-----Votar é um dever cívico e um acto de responsabilidade. Implica por isso mesmo ter a consciência
do que está a escolher e dos programas de acção a implementar, nas áreas económica, social, justiça,
segurança e noutras, que vamos definir o nosso destino colectivo.-----
-----Implica também fazer um juízo do passado mais recente da acção governativa. Os TGVs, os novos
aeroportos, o aumento galopante da dívida externa, o aumento do desemprego, quando se prometeu o
contrário, a lentidão da justiça, a corrupção que a todos nos envergonha.-----

-----É na análise de tudo isto, no respeito pelas propostas que cada um venha a apresentar, que cada um formará no seu juízo a sua avaliação para que dia 5 de Junho, em que cada um de nós em consciência para com Abril exercerá a sua principal conquista.-----

-----O direito e o dever de escolher, votando.-----

-----Viva a liberdade!-----

-----Viva o 25 de Abril.”-----

-----Usou da palavra o representante do CDS-PP, *Sr. João Pedro Gomes* que fez o seguinte discurso:--

-----Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----

-----Senhor Presidente da Câmara Municipal-----

-----Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Runa-----

-----Caros Colegas-----

-----Associações aqui presentes-----

-----Minhas Senhoras e meus Senhores-----

-----Num ano de crise económica gravíssima e forte turbulência política, celebram-se os 37 anos do 25 de Abril, que em 1974 pretendeu ser uma fonte de esperança para o país, uma rotura com um passado que já não se desejava, e que não representava em si mesmo aquilo que era necessário para um Portugal de futuro. Já foi tudo dito acerca do 25 de Abril, não existe mais nada para explicar, apenas lutar para que a essência desta data se mantenha actual e o seu espírito seja cumprido.-----

-----Em 3 décadas, esta é a 3 vez que se impõe em Portugal uma intervenção externa, no caso do Fundo Monetário Internacional, desta vez com a colaboração da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu. Mais uma vez, encontramos-nos prostrados à mercê de uma qualquer ajuda financeira, indesejável mas indispensável, com todas as consequências inerentes ao facto de, sistematicamente, não sabermos resolver por nós os nossos problemas.-----

-----Ao longo dos anos, foram sendo cometidos erros atrás de erros: a nossa economia nunca se conseguiu adaptar aos novos desafios que estavam a caminho, a União Europeia obrigou-nos a desistir de sectores onde éramos competitivos, como a pesca e a agricultura, e promoveu que concentrássemos os nossos recursos noutros sectores onde pouca ou nenhuma tradição tínhamos.-----

-----Virámos as costas ao mar, que em 5 séculos foi o grande pólo dinamizador do desenvolvimento deste pequeno-grande Portugal. E isso pagámos caro!-----

-----Hoje, o povo português está angustiado e com incerteza no futuro. Se em 1986, quando fervilhávamos todos de esperança por finalmente podermos fazer parte de um projecto Europeu, nos dissessem que 25 anos depois voltaríamos a ter cá o FMI e que estávamos na maior crise de sempre em democracia, não iríamos acreditar certamente. Mas é a mais pura das verdades.-----

-----Independentemente de não nos termos sabido governar de há 3 décadas a esta data, não aproveitando o espírito de liberdade e esperança de futuro que o 25 de Abril nos soube oferecer, há que referir que é

muito por culpa desta Europa que estamos como estamos. A essência do projecto de construção europeia, tão bem personificado por Robert Schumann, não poderia hoje estar mais desvirtuado. A União Europeia é hoje em dia um clube de negócios, onde apenas o lucro interessa, um espaço no qual os cidadãos contam pouco e a solidariedade entre países não existe. Nada tem a ver com a ideia basilar da construção europeia: um espaço de cooperação entre povos para promover a paz na Europa. Um projecto de construção europeia como este que temos actualmente, baseado apenas na vontade dos políticos e de costas para os povos, estará certamente condenado ao fracasso. Aliás, todas as tentativas de unir a Europa à revelia da vontade dos povos fracassaram.-----

-----Olhando de novo para Portugal, o que vemos? Um país em completa agonia, não apenas financeira e económica mas também de valores, um país onde se corta na ajuda indispensável aos que menos têm para garantir que aqueles que são co-responsáveis por toda esta crise possam receber os juros usuários pelo dinheiro que nos emprestam; um país desgovernado desde há uns anos a esta parte, cujo governo insiste em não contar toda a verdade aos cidadãos, mas que cada dia lhes pede mais e maiores sacrifícios, um país sem esperança no futuro onde o importante é viver o presente. Não foi para isto que se pensou e fez o 25 de Abril!-----

-----Não podemos aceitar que se corte mais ainda nas pensões mais baixas, nos apoios a jovens portadores de deficiência, nos mais desfavorecidos, quando a máquina do Estado continua a gastar como se não houvesse amanhã. A carga fiscal para cidadãos e para empresas é já insustentável, e hoje em dia os Portugueses trabalham quase apenas para pagar a dívida astronómica que os nossos governantes contraíram. Não foi mesmo para isto que se fez o 25 de Abril!-----

-----Mas somos Portuguesas e Portugueses com orgulho de o ser! Um país com mais de 8 séculos de história não se pode prostrar desta forma no chão, um país que tem as fronteiras mais antigas da Europa, que no séc. XV foi o pioneiro da globalização não pode desistir de ânimo leve! Este é o nosso país, é por ele que temos de lutar. Mas os nossos sacrifícios têm de valer a pena, não podemos pedir insistentemente às pessoas que se privem cada vez mais em prol de um objectivo e depois ficar tudo na mesma, como tem acontecido até aqui. O caminho tem de nos conduzir a um futuro melhor, e não a mais sacrifícios.-----

-----Importa, no entanto, que não percamos a esperança, ou melhor, que não nos façam perder a esperança. Temos de saber exactamente com o que podemos contar. Na nossa gloriosa história, muitos dilemas enfrentámos, muitas vezes estivemos entre a espada e a parede, muitos sacrifícios foram feitos pelos nossos antepassados. Mas nunca fomos gente de desistir. Na adversidade, soubemos sempre ir buscar forças para construir um futuro melhor. É assim quando se tem um povo com uma alma e ambição incomparavelmente maiores do que as delimitações geográficas deste rectângulo plantado na ponta mais ocidental da Europa.-----

-----Mas não nos iludamos, pode mesmo estar em causa a nossa continuação como país soberano e

viável. Se não fizermos tudo o que estiver ao nosso alcance para resolvermos os nossos próprios problemas, não se augura um futuro muito promissor para Portugal. No entanto, é realmente possível que este nosso país ainda possa ser um país justo e moderno, enfim, um Portugal de futuro que constantemente é ambicionado mas até hoje nunca foi concretizado. Enquanto povo, já demos provas de que conseguimos fazê-lo.-----

-----Este foi o espírito que presidiu Abril: a construção de um Portugal livre e de futuro. Este é também o espírito que tem constantemente sido esquecido em prol de outros interesses. Não nos digam, portanto, que o nosso futuro está hipotecado e que nada podemos fazer quanto a isso.-----

-----Sabemos que será difícil, mas há outro caminho. Um caminho que teremos de saber trilhar, para por fim podermos CUMPRIR PORTUGAL!-----

-----Interveio de seguida o líder do Grupo Municipal da Coligação Democrática Unitária, *Sr. Nozes Pires* para proferir algumas palavras:-----

-----Comemoramos a insurreição militar e popular do dia 25 de Abril de 1974.-----

-----Normalmente a comemoração de datas históricas tende a converter-se num acto rotineiro. Uma mera formalidade sem conteúdo. As tradições e os mitos somente conservam a sua vitalidade se actualizarem, nos seus rituais, a vitalidade do acto fundador. Com esta data que ora nos reúne aqui sucede algo de singular: conserva-se nos mais velhos a lembrança e nos mais novos a curiosidade e o respeito. Podemos possuir opiniões diferentes, mas num aspecto, pelo menos em um, estamos de acordo: no valor das liberdades políticas conquistadas nesse acontecimento fundador. Eu direi a minha opinião sobre o passado e o presente. A minha opinião é partilhada por muitos portugueses, contudo muitos outros não pensam do mesmo modo.-----

-----Há 35 anos que somos governados pelos mesmos partidos. Dizer-se que quem assim o decidiu foi o povo não é inteiramente verdade, porque o partido mais votado, esse sim, mais votado e não duvidamos da legitimidade do voto), coligou-se não poucas vezes com outro ou outros partidos. E se assim fizeram é porque pensavam todos da mesma maneira. Não só os partidos que formaram governos nestes 35 anos foram praticamente os mesmos, como, e por consequência, as estratégias políticas foram similares. E este facto inquestionável é de uma importância crucial. É sobre factos que devemos discutir. Uns tantos são responsáveis pela situação que ora sofremos, outros menos, ou mesmo nada. Qualquer discussão séria e decente deve assentar nesta interrogação: Que políticas foram essas que, fora as hesitações e erros humanos compreensíveis e toleráveis, conduziram o país ao fundo do poço, a uma crise que é das piores que a nossa longa história conheceu?-----

-----Foram apenas erros ou incompetências como alguns querem fazer crer? Governos fracos, políticos débeis? Naturalmente que quem assim pensa, propõe governos fortes para executar a mesma política. Oíço e leio este raciocínio e estremeço. Aceito perfeitamente o livre direito de quem assim pensa e, conseqüentemente, sugere um partido político investido da força de uma maioria absoluta, ou uma

coligação de partidos, um governo de “Salvação nacional” como se vai dizendo. É a expressão da liberdade de opinião e a demonstração de quem sem o pluralismo não se respeita a Constituição da República nem as aspirações que explodiram em festa no dia 25 de Abril de 1974. Certamente. Porém, ao designar-se esse partido ou essa coligação, vemos que são os mesmos que nos arrastaram para o atoleiro onde nos encontramos. Talvez a expressão seja forte demais, mas não acerto com outra. Nem se trata de lavar uma mão com a outra, mas de meter ambas as mãos nas mesmíssimas soluções. Dar-me-eis o direito, o direito de expressão que também a mim me assiste, de concluir que teimar no mesmo caminho não é arrepiar caminho.-----

-----Dir-me-eis que a situação é grave e exige soluções drásticas. Provavelmente pensareis que não vale a pena agora perder tempo a discutir as causas. Pois bem, não é assim que estou habituado a pensar racionalmente pela minha cabeça. Respondo-vos que concordo convosco sobre a gravidade da situação, no entanto as soluções que os partidos governantes se propõem aplicar não são diferentes entre si, digo mais: são as mesmas mas para pior. Neles o espírito de mudança, de mudar de vida, contido no 25 de Abril, está ausente. Direis que não, eu digo que sim. Direis que não há outra alternativa, eu digo que há. Direis que é inevitável, eu digo que inevitável só a morte por mais tempo que se viva.-----

-----Dizer-me - eis que estando falidos temos de pedir emprestado, e se nos emprestam temos de pagar. Pois aí é que bate o ponto: Em primeiro lugar, podíamos ter evitado a tempo e para isto houve quem avisasse; em segundo lugar, podemos enfrentar o problema da dívida pública, pela sua renegociação — incluindo taxas de juro, prazos de dívida e montantes, pela acção combinada na União Europeia com outros países em situações semelhantes; pela diversificação de fontes de financiamento, quer no plano internacional, quer estimulando a poupança interna; pela renegociação ou cessação de contratos das parcerias público-privadas. E isto só para fornecer alguns exemplos. Em terceiro lugar, é preciso que se volte a dizer: não podem ser os mesmos sacrificados a pagar a crise, que, de resto, não a provocaram; todos sabemos que os grandes grupos económicos e a banca a eles associados pagam uma mísera fracção do que deviam pagar se os sacrifícios fossem igualmente distribuídos por todos. Como se pode pregar um “Governo de Salvação Nacional” sem uma verdadeira justiça fiscal e social? Sinceramente não percebo. Sem um corajoso combate à especulação financeira, porquê falar num “governo forte”? Forte contra quem? Quem souber, que responda.-----

-----A realidade é que muitos estão mais pobres e alguns estão mais ricos. Grandes riquezas num país empobrecido. Diziam os filósofos antigos que parece existir nos povos uma tendência para a servidão voluntária. Se esta perturbadora sentença for justa, então escolheremos os mesmos para nos aplicarem açoites mais duros, vivendo como plebeus a invejar os príncipes. Será esta a dita “alma lusa”, masoquista, macambúzia e melancólica, que alguns descrevem? Não acredito, não quero acreditar. ----

-----Existe em nós, como em todos os povos, uma vontade indomável, uma robusta esperança, às vezes

aparentemente adormecida, que desperta não se sabe bem quando nem como, uma inteligência colectiva que surpreende os mais cépticos, que nos proíbe, se conhecermos a nossa história e a história universal, de nos classificarmos como povo submisso que não assume os seus direitos.-----

-----As eleições, sendo livres, constituem um esteio das democracias. Os partidos políticos, com todos os seus defeitos, são, apesar disso, um elemento vital das democracias. O pluralismo, as liberdades. Mas os direitos também.-----

-----Porque é de direitos e deveres que, do fundo, faz emergir a interrogação que vos coloquei no início: o direito a sermos auxiliados na doença, todos por igual, no ensino, na segurança social, nos salários e pensões que nos devem porque trabalhamos ou as pagámos, e o direito à nossa soberania nacional. Se permitirmos que nos tirem isto, seremos mais pobres, mais tristes, mais dependentes e submetidos. Deveres? Sim, falemos dos deveres: do dever de trabalharmos, investirmos e dinamizarmos a actividade económica, de pagarmos na proporção directa daquilo que ganharmos, de estimularmos e defendermos a produção nacional, de diminuirmos o peso das importações e aumentarmos as exportações, mesmo que para isso ou por causa disso belisquemos os interesses das potências estrangeiras. Porque não é delas que chegará a nossa salvação. Mas de nós próprios. É do povo, deste povo onde reside a soberania, e não dos grandes grupos económicos que se preparam para montar a tenda sobre um “governo de salvação nacional”.-----

-----À dura realidade se chegou depois de havermos entrado para a União Europeia (primeiro CEE) perdendo com isso mais do que ganhámos, e tal sucedeu porque não se soube defender a produção nacional. Ganhou-se alguma coisa, sem dúvida, mas perderam-se recursos fundamentais para o desenvolvimento independente do país: indústrias, pescas, agricultura, entre outras. Veio o Euro e ganhou-se alguma coisa, mas perdemos mais do que ganhámos, logo que passou a euforia inicial. Em vez de construirmos alicerces para o edifício do futuro, deixámo-nos cair sob o jugo de um Pacto de Estabilidade que favorecia os países mais ricos e o qual foram eles os primeiros a não cumprir.-----

-----Hoje não há comentador que se preze que não lamente o atraso e a dependência do país. E é mesmo curioso constatar que de uma maneira geral, comentadores encartados e partidos políticos descobriram subitamente o que já se sabia há muito tempo: que o país, caído na estagnação e mesmo na recessão, necessita de investir e impulsionar o desenvolvimento, se mais não seja para poder pagar as dívidas.-----

-----Para pensar procuro o problema e as condições objectivas e subjectivas que geraram o problema. Por isso pergunto-me se foi correcto o Governo ter enterrado milhões no BPP e BPN e se ter endividado a juros usurários em benefício dos bancos, que intermediaram a dívida pública com dinheiro obtido no BCE a 1% e emprestado ao Estado a 7,8 e 9%. Por causa destas opções e atitudes do Governo e da Banca é que não me surpreendi logo que, quando a coisa deu para o torto, a elite da

finança exigiu ao Governo a entrada do FMI, cuja ‘ajuda’ inclui uma fatia específica para a Banca (se calhar para o negócio das privatizações a pataco que aí vem). Disse-o o próprio director-geral do FMI: “O problema de Portugal não é tanto a dívida pública como o financiamento dos bancos e a dívida privada”.

-----De facto, a dívida pública portuguesa (previsão para 2011) corresponde a 97,3% do PIB e é inferior à de países como a Irlanda (107%), Grécia (150,2%), Bélgica (100,5%) ou Itália (120,2%). Mesmo as da França e Alemanha andam, respectivamente, pelos 86,8% e 75,9% . Já a dívida privada, de que pouco se fala e cujas principais fatias são da Banca e do imobiliário, é de 220% do PIB. É essa dívida que a Comissão Administrativa de FMI, BCE e CE vem agora cobrar a pobres, pensionistas e desempregados.

-----O meu Partido rejeitou o seu envolvimento no ritual de encontros com a chamada “Troika”, porque o considera uma inaceitável atitude de abdicação e submissão nacional. A coerência tem os seus riscos: ser-se silenciado pela comunicação social, não se ser compreendido por uma parte da opinião pública. Seremos compreendidos pelos espoliados no seu trabalho e nos seus parques rendimentos. Negoceiem, pois, com a “troika”, se acaso ela vem para negociar coisa alguma, e veremos depois se se confirma ou não o que já é antevisão geral: que o pacote de medidas que nos vão impor é igual ou pior do que o que já estava contido no PEC IV. Veremos quais os portugueses que vão pagar a dívida e para onde vai o empréstimo concedido. Veremos nos próximos anos se a geração “à rasca” continua ou não à “rasca”. Veremos se do Trabalho com direitos, restaurados pelo libertador 25 de Abril, sobram alguns dos poucos que já sobram.

-----Por mim, aqui, hoje, desta tribuna, reafirmo a frontal rejeição a uma intervenção externa, em si mesmo comprometedor do futuro da vida dos portugueses, do país e das suas perspectivas de desenvolvimento soberano. Reafirmo o direito de sermos informados pelo Governo português do conjunto de dados e elementos sobre a real situação financeira, económica e orçamental do país, os seus concretos compromissos e as disponibilidades e recursos próprios. Informação que só o Governo e as instituições nacionais vocacionadas para o efeito devem dar e não qualquer entidade estrangeira ou supranacional sem legitimidade.

-----Um resgate da dívida pública somente é admissível se assegurar o crescimento económico e salvaguardar as condições sociais dos trabalhadores. Não pode transferir para estes a responsabilidade e os sacrifícios da crise, medidas que reduzem ainda mais as pensões ou a desvalorização dos salários, nem políticas fiscais injustas, que continuarão a agravar a injustiça na redistribuição da riqueza.

-----Na União Europeia os trabalhadores portugueses trabalham tanto, ou mesmo mais, do que os outros, não trabalham menos horas, mas mais. Não é aí que se encontra a causa do problema.----- Os banqueiros dizem não aguentar mais sacrifícios: pagam cada vez menos impostos, nos lucros de

2011 em relação ao ano anterior, com os mesmos lucros, vão pagar metade do imposto. Receberam nos últimos anos milhares de milhões de euros de apoios e avales do Estado. Foram beneficiados com milhares de milhões de transferência de poupanças dos portugueses quando o Governo degradou de forma brutal a remuneração dos certificados de aforro. Estão a embolsar milhões e milhões de euros com as parcerias público-privadas. Durante meses e anos especulou com a dívida pública.-----

----Depois das experiências da Grécia e da Irlanda a intervenção externa não resolverá os problemas, antes agravará o atraso económico do país. Os banqueiros mandam e o Governo obedece. Iremos esgotar recursos no pagamento de uma dívida monstruosa, em vez de canalizá-los para o crescimento económico. Devíamos concertar com outros países com problemas semelhantes para que existisse uma acção convergente que ponha fim à espiral da especulação e exija a revisão do estatuto e dos objectivos do Banco Central Europeu.-----

----O euro está em crise, mas não fomos nós - nem Portugal, nem os seus trabalhadores - que a provocámos. Também o dólar está em alarmante crise, pondo em grave risco a economia mundial, mas de certeza que não fomos nós que a provocamos.-----

----Termino como comecei: nesta data histórica em que recuperámos a nossa liberdade, devíamos reafirmar que a soberania reside no povo português e somente nele. E quero crer que a sua aspiração mais funda e verdadeira é a um mundo melhor, mais justo e mais solidário. Nesta crença tenho vivido, com esta crença morrerei”.-----

----Teve de seguida a palavra o representante do PSD, *Sr. Marco Henriques Claudino* que fez o seguinte discurso:-----

----Exmo Sr. Presidente da Assembleia Municipal,-----

----Exmo Sr. Presidente da Câmara Municipal,-----

----Exmas Sras. e Srs. Vereadores,-----

----Exmas Sras e Srs. Presidentes de Junta de Freguesia,-----

----Colegas da Assembleia Municipal,-----

----Representantes das associações e colectividades de todos o concelho, que nos honram com a v/ presença,-----

----Senhoras e Senhores,-----

----A primeira palavra que dirijo por ser de toda a justiça fazê-lo, é à população da Freguesia de Runa, na pessoa do seu Presidente de Junta, o meu amigo José António Margaça.-----

----Muito obrigado por esta organização e por este momento que estou certo, ficará sempre retido na nossa memória.-----

----Hoje comemoramos o 37.º aniversário do 25 de Abril e fazemo-lo em clima de tensão social, económica e política. Comemoramo-lo num tempo em que se ouvem vozes a apelar à própria refundação do regime.-----

-----Comemoramo-lo ainda quando, um pouco pela Europa fora, movimentos e partidos com menor sensibilidade democrática encontram eco junto dos eleitores.-----

-----São tempos difíceis, são tempos que desafiam a fibra e o carácter dos portugueses, são tempos ainda em que muitos publicamente manifestam já a sua descrença em Portugal e acima de tudo no Portugal fruto de Abril.-----

-----Por ser alguém especialmente insuspeito, recordo as palavras de Otelo Saraiva de Carvalho que bem recentemente, afirmou, e cito” não teria feito o 25 de Abril se pensasse que íamos cair na situação em que estamos actualmente.-----

-----E em que situação estamos actualmente?-----

-----Portugal tem uma taxa de desemprego que atinge os 11,1% , um deficit que , ainda no sábado, o INE veio revelar ter alcançado no ano de 2010 a triste cifra de 9,1%.-----

-----O nosso crescimento na última década foi o pior dos últimos 90 anos. A dívida pública é hoje maior do que aquela que levou o país à banca rota em 1892, o endividamento familiar ronda os 100% do PIB. O endividamento das empresas atinge já os 150% do produto.-----

-----Assistimos à 2.ª maior vaga de emigração de toda a história.-----

-----O peso do estado representa 50% do que produzimos e estamos em recessão, ou seja não temos finanças sãs, nem economia em crescimento e a agravar toda a situação suportamos a maior carga fiscal de que há memória.-----

-----Mas se nos indignam os números, por reflectirem dramas de pessoas e se nos atormenta a crise, há uma pergunta que não pode deixar de ser colocada.-----

-----Era inevitável termos chegado a este estado.-----

-----Quero recordar que há exactamente 2 anos, na sessão solene do 25 de Abril que teve lugar no Outeiro da Cabeça tive oportunidade de referir que o relatório do Fundo Monetário Internacional indicava que Portugal iria atingir, no ano seguinte, ou seja em 2010, uma taxa de desemprego de 11%.-----

-----Quero ainda lembrar-vos que nesse mesmo ano de 2009, já os sinais de crise eram evidentes para quem os quisesse ver.-----

-----Mas infelizmente e repito infelizmente estávamos em ano de eleições e é reportando-me a esse ano de 2009 que quero reflectir convosco modelos e exemplos. O primeiro do Partido Socialista, aliás do Eng. Sócrates, pois não quero confundir um grande partido da democracia nacional com o seu actual líder.-----

-----Nesse ano de legislativas, em face a todos os dados económicos e financeiros, o que fez o Eng.º Sócrates ? A memória é curta por isso importa por vezes recordá-la.-----

-----Além de manter como prioridades nacionais investimentos avultados, como o novo aeroporto e o TGV, chamando retrógrada a quem já então avisava que Portugal não conseguiria suportar tais custos, diminuiu o IVA, aumentou os funcionários públicos e ofereceu medicamentos gratuitos a todos os

idosos.-----

----Mais tarde quer em 2010 como em 2011, o IVA e outros impostos foram aumentados, os funcionários públicos vêm os seus salários cortados e os idosos, não só deixaram de beneficiar de medicamentos gratuitos, como ainda viram a comparticipação do Estado nos mesmos ser reduzido, ou seja foi tirado em dobro, tudo aquilo que havia sido ilusoriamente dado.-----

----Nesse mesmo ano e importa recordar, o Partido Social Democrata avisou que a situação do País era difícil, que não nos podíamos dar ao luxo de querer luxo. Disse o que os portugueses não queriam ouvir. Mas disse a verdade, que hoje custa muito mais a enfrentar e superar.-----

----Hoje muitos reconhecem que a Dra. Ferreira Leite acertou, mas como a própria diz não se trata de ter acertado, mas antes de ter analisado.-----

----Tal como o doente prefere o médico que lhe diz que a sua maleita se resolve sem necessidade de cirurgia, àquele que entende que apenas a operação é solução, também os eleitores preferiram o líder partidário que prometeu o paraíso levando-os hoje bem próximo do Inferno.-----

----Mas presentemente em face aos factos reais e indesmentíveis, queria perguntar a cada um de vós se alguém acredita, que os dados que instancias internacionais publicavam não se encontravam ao dispor do governo.-----

----Se alguém acredita que o governo desconhecia em 2009 a real situação do país, se alguém acredita que a oposição tinha mais informação do que aqueles que governavam e ainda governam Portugal. Cabe a cada um de vós reflectir.-----

----Neste tempo que também é de pré campanha para as eleições legislativas, no qual o FMI nos vem resgatar, pela terceira vez na história, ainda muito poderia ser dito sobre o nosso concelho. Sobre os resultados líquidos negativos, ou em bom português sobre os prejuízos alcançados pela Câmara. Sobre o aterro que o Partido Socialista legitimamente, através da sua maioria, pretende apadrinhar. Sobre termos o Pólis mais atrasado do país. Sobre a continuação do foguetório em períodos de insuficiência económica. Mas haverá momentos em que essas e outras questões serão colocadas.-----

----Caras amigas e caros amigos.-----

----O 25 de Abril foi feito de mulheres e homens de coragem. A melhor forma de o comemorar é exercendo diariamente, na nossa vida pessoal, política e profissional. É participando, cívica e politicamente, no nosso bairro, na nossa comunidade, no nosso país.-----

----Manifestando-nos e indignando-nos perante o estado a que o Estado chegou.-----

----Indignando-nos quando o Estado se furta aos sacrifícios que a todas as famílias e empresas são pedidos.-----

----Indignando-nos quando, por impensável que possa parecer, ainda este mês se assistiu a um despedimento de uma jornalista da Lusa por alegadamente não ter publicado uma frase que havia sido transmitida por um assessor do 1.º Ministro.-----

-----Indignando-nos por se proporem cortes a pensões de €200.-----

-----Indignando-nos pela falta de transparência das contas públicas.-----

-----Indignando - nos por uma justiça mais cara e morosa.-----

-----Indignando-nos por uma educação onde os tabus público e privado que parecem querer voltar a existir.-----

-----Mas também indignando-nos pela falta de produtividade e competitividade do país e indignando-nos sobretudo relativamente aos políticos que mentem, iludem e ludibriam, e não tenham dúvidas, colocar todos os políticos no mesmo patamar é o 1.º acto para o afastamento dos melhores e para a promoção daqueles que não olhem a meios para atingir os seus fins.-----

-----Eu nasci depois do 25 de Abril e agradeço a Otelo e a todos aqueles que de uma forma e de outra contribuíram para instituir o regime democrático do nosso país, venho pedir que utilizem no próximo dia 5 de Junho a arma mais poderosa que o 25 de Abril nos deu, o voto.-----

-----E por isso, independentemente da preferência político partidária, apelo a todos que votem.-----

-----Votem por cada um de vós, votem pelos vossos filhos, votem pelos vossos netos.-----

-----Votem. É um direito que nos assiste, mas que também representa hoje mais do que nunca um dever, um dever de participar, de não nos resignarmos, de contribuirmos para as futuras gerações possam ter uma vida melhor.-----

-----Viva o 25 de Abril de Abril!-----

-----Viva Runa!-----

-----Viva Torres Vedras!-----

-----Viva Portugal!”-----

-----Terminada esta intervenção, tomou a palavra o representante do Partido Socialista, **Sra. Susana Maria Ribeiro das Neves**, para dizer algumas palavras:-----

-----“É com muita honra e em representação do Grupo Municipal do Partido Socialista que cumprimento o nosso estimado presidente da Assembleia Municipal Dr. Alberto Avelino,-----

-----O nosso Presidente da Câmara Municipal Dr. Carlos Miguel,-----

-----Estimados Vereadores,-----

-----Colegas e estimados companheiros da Assembleia Municipal, -----

-----Em especial permitem-me cumprimentar o Presidente José António Margaça enquanto anfitrião deste momento e deste dia especial,-----

-----Aos anteriores autarcas eleitos que muito contribuíram para a democracia do nosso concelho,-----

-----Aos dirigentes associativos aqui presentes-----

-----Todos os convidados e pessoas presentes nesta sessão do 25 de Abril.-----

-----Para quem nasceu depois do 25 de Abril é um grande desafio tornar este discurso num génio de palavras e por isso apenas vos tenho para oferecer palavras humildemente genuínas.-----

-----Vivi durante 17 anos num prédio arrendado, onde o senhorio tinha colado na parede do 1.º piso, o piso onde eu vivia, um poster de um menino com o rosto de anjo, caracóis louros, descalço, que em bicos de pé colocava um cravo vermelho no cano de uma espingarda de um soldado.-----

----Lembro-me de ter perguntado ao meu irmão, o que é que aquele menino fazia junto a uma arma e o meu irmão respondia-me sempre que aquele gesto simbolizava o dia em que nasceu a paz, a liberdade, o dia em que o silêncio, as torturas, o exílio humano tinham acabado.-----

-----Falava-me então o meu irmão do dia 25 de Abril de 1974.-----

-----O dia 25 de Abril, é um dia que todos os anos nos faz reunir como cidadãos, irmãos de uma mesma época, de uma mesma história, de um mesmo tempo de vida.-----

-----A liberdade do 25 de Abril possibilitou um olhar sobre o homem, como um todo, compreender as suas necessidades, vê-lo para além da sua forma física.-----

-----Diz-me o meu pai que antes do 25 de Abril, os jovens eram tratados como meros objectos de utilidade física, e o doloroso exemplo era a ida sem dó nem piedade para a guerra colonial. Muitos jovens Portugal perdeu, diz o meu pai.-----

-----A liberdade do 25 de Abril foi um contributo para o término da guerra colonial, uma guerra que o meu pai ainda hoje a sente na pele e eu vejo-a e sinto-a nos seus olhos, nos seus comportamentos instáveis, nos seus discursos infundáveis sobre Moçambique e as mortes que ele viu e as mortes que lhe espreitaram.-----

-----Uma guerra tal como todas as guerras que não fazem sentido, fazem sim traumas, deixam marcas eternas e imortalizam negativamente o ser humano. Por isto obrigado ao 25 de Abril, por permitirem a independência das colónias e por me teres trazido o meu pai e tantos outros pais de volta.-----

-----Percebemos que o dia 25 de Abril democratizou as relações humanas. Fez-nos ganhar a consciência que a verdadeira liberdade deve ser vivida sob a voz do outro, pois sozinhos, isolados no nosso mundo, na nossa egocêntrica individualidade, não nos construímos.-----

-----Estes 37 anos devem ser entendidos em cada momento como uma construção de todos, para cada um de nós e seu inverso.-----

-----A revolução de Abril abriu-nos para uma ética democrática, onde os cidadãos participam, avaliam as suas necessidades e fazem as suas escolhas, por isso, sobretudo no nosso concelho, tantas e tantas pessoas arregaçaram as mangas, deram as mãos e atiraram-se ao trabalho num espaço que até então não era de ninguém. Assim se explica o muito que se encontrava por fazer. Infra-estruturas básicas, equipamentos sociais e de saúde e tantos outros serviços essenciais à comunidade e só quem não dispõe de uma fotografia do que tínhamos e do que éramos há 37 anos, é que não reconhece o longo e gratificante caminho percorrido e construído.-----

-----Sim, afirmamos que Abril foi a revolução dos três dês: Descolonizar, Democratizar e Desenvolver.-----

-----Mas se é verdade que o desenvolvimento foi acelerado questiona-se se acompanhou a democratização das relações.-----

-----Fala-se numa crise financeira. E se eu vos disser que estamos antes diante de uma crise da relação humana.-----

-----Fala-se de uma crise política. E se eu vos disser que estamos antes, não diante de uma crise, mas de uma dor social.-----

-----Recentemente tive o privilégio de terminar uma investigação sobre o sentido da vida e da morte junto de doentes terminais e gostava de partilhar convosco dois testemunhos.-----

-----Lembra-se uma doente que me dizia: Ainda bem que não sou eterna, porque os valores humanos actuais estão em decomposição, tal e qual o meu corpo. Nós não nos relacionamos. É cada um por si e eu vejo isso agora que querem que eu deixe a minha casa, vou ter de ir para um lar porque os meus próprios filhos não sabem cuidar de mim. Que educação eu lhes transmiti?-----

-----Recordo ainda outro testemunho de um doente: A vida agora faz-me pensar que não vale a pena agente correr tanto. Devíamos ter aproveitado a vida de outra forma, mas a educação que recebemos foi a de trabalhar. Afinal quando morremos passado uma semana toda a gentes nos esquece.-----

-----Reparem que na base destes testemunhos encontramos uma crise, uma crise existencial, uma crise do sentido da vida, mas por detrás desta crise, e perdoem-me, mas eu costumo sempre acreditar que as crises também são importantes, porque por detrás de uma crise encontramos sempre um renascimento, uma valorização pela vida e pelo viver, uma reflexão à vida construída, às relações construídas, às relações mantidas, às relações que não se mantiveram, àquilo que fica por fazer e àquilo em especial que fica por dizer e está por dizer.-----

-----Sim, vivemos uma dor social, uma dor que transborda para o questionamento da nossa existência e condição humana, uma dor que aguça o sentimento da solidão e que obriga o indivíduo a ter uma relação privilegiada com a sua aflição.-----

-----O homem que sofre e isola e afasta-se dos outros, com a impressão que ninguém o compreende que tal sofrimento é inacessível ao outro e porque se ninguém respeita o nosso eu enquanto ser humano, se ninguém escuta e apenas determina sobre nós o que considera ser melhor, se o fim de vida esperada é quase sempre a institucionalização, então nada faz sentido, a minha, a nossa vida enquanto seres livres.-----

-----Recordo numa conversa informal com o meu estimado professor Daniel Sampaio, que ele dizia-me que somos educados para a razão e não para a emoção. Daí quando viramos jovens adultos não temos a resiliência para enfrentar determinadas dificuldades, tal como situações em que temos que ser cuidadores dos nossos pais quando ficam doentes, tal como uma situação de emprego não desejado ou de desemprego inesperado.-----

-----A sobrestima das emoções é típico da cultura salazarista e a grande questão é se não continuamos

a reproduzir este comportamento educativo no pós 25 de Abril. Eu, e o Professor Daniel Sampaio chegava-mos a questionar se a actual geração à rasca não é mais uma geração protegida, que não foi educada para as emoções pois foi-lhe trocado o saber ser pelo saber ter.-----

----Foi-lhes inculcado uma formação académica obrigatória, como se o canudo fosse um meio de atingir a liberdade, a verdade é que temos muitos jovens que não querem fazer aquilo para o qual não foram treinados, porque simplesmente não sabem lidar com as suas emoções diante do desconhecido, do diferente, do desafio.-----

----Ainda no último relatório do banco local de voluntariado do nosso município, concluía que a menor percentagem de jovens voluntários enquadravam-se no grupo etário entre os 26 e 35 anos de idade, estamos claramente diante do grupo etário da geração dita à rasca. Uma reflexão não propriamente linear mas a fazer.-----

----E o 25 de Abril enquanto marco de uma crise política e social disse-nos para pararmos e valorizarmo-nos mais, valorizar as diferenças, valorizar o diálogo, valorizar a cooperação, valorizar a responsabilidade de cada um de nós para com todos, valorizar a solidariedade humana e eis que se decidiu marcar esta mesma solidariedade humana contemplando o ano de 2011, como o Ano europeu do voluntariado e penso que o é também para que percebamos que os recursos não podem apenas provir do estado ou do sector público, é mais do que altura de percebermos que a rede humana é dos melhores recursos que dispomos na sociedade.-----

----O nosso conselho já realiza a boa prática do voluntariado desde 2005, contando já em números redondos com 140 voluntários activos e 37 entidades promotoras, que na maioria são entidades do sector público e social.-----

----Dou-vos como grande exemplo as autarquias e as instituições particulares de solidariedade social. Mas agora a grande luta a fazer-se é mobilizar as empresas, todo o tecido empresarial para a recepção de voluntários, e em especial envolver o tecido empresarial para a envolvimento em projectos sociais já existentes no nosso concelho e na implementação de projectos ainda inexistentes e urgentemente necessários.-----

----Façamos uma solicitude à responsabilidade social e não é isso o que o 25 de Abril nos ofereceu e nos ensinou.-----

----Falo-vos de responsabilidade social com reforço à massa empresarial, porque esta é a única estratégia social para desenvolvermos a nossa comunidade. A responsabilidade social é uma estratégia de integração social, as empresas são o elo que falta para o desenvolvimento local que numa sintonia com as entidades comunitárias muito podem ainda fazer.-----

----Falo-vos da necessidade de olharmos para as pessoas com deficiência ou com algumas incapacidades permanentes. Estes são o exemplo de quererem trabalhar e fazerem voluntariado e aí ainda são sujeitos a discriminações por parte das empresas.-----

-----Falo-vos da IPPS e das autarquias que vivem sob a consciência que há muito por fazer e que não há verbas para o conseguirem. Mas não ficam parados, e precisam realmente de todos nós porque vivem sob a tensão de terem idosos em situação de grande isolamento, sob a tensão de viverem as vidas de doentes e idosos dependentes a morrerem sem o devido controlo sintomático, para não falar do insuficiente afecto familiar. Vivem sob a avaliação de existência de famílias destruturadas que mais do que ausência de alimentos, não sabem viver a sua conjugalidade e a sua parentalidade diante da crise.-----

-----Observamos famílias sem a mínima saúde oral, uma saúde que temos que reflectir porque a saúde oral não é uma questão de estética é uma questão de integração. E assistem ainda a famílias a viverem problemas de alcoolismo, para quem não sabe o álcool é a nova droga do século XXI.-----

-----E outras e mais problemáticas havia para dizer, mas apenas vos quero pedir uma coisa . Solicito-vos uma responsabilidade social que mais do que alicerçada numa ética democrática seja sustentabilizada na base de uma ética relacional, humanamente mais aberta, humanamente mais contempladora, das, e para as relações humanas.-----

-----Permitem-me citar-vos um poema de Sofia de Melo Breyner alusivo ao 25 de Abril: “ Esta é a madrugada que eu esperava, o dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silencio e livres habitamos a substancia do tempo e eu digo-vos que esta é a manhã de mais um 25 de Abril. O dia inicial porque todos nós enquanto viventes podemos sempre algum dia começar a construir um tempo com substancia, um tempo para a mudança, um tempo para a construção de um mundo, de um concelho melhor, mais sustentável nas suas relações, mais respeitável pelos que mais sofrem, pelos que em mais condições vulneráveis se encontram. O tempo é tal e qual um rio que nos arrasta, só não nos podemos esquecer é de uma coisa, é que nós somos esses mesmo rio.”-----

-----Viva Runa !-----

-----Viva Torres Vedras!-----

-----E viva o 25 de Abril!-----

-----Seguiu-se o discurso alusivo às comemorações de 25 de Abril de 2011, proferido pelo Presidente da Câmara, **Sr. Carlos Manuel Soares Miguel**:-----

-----Srs. Presidente da Assembleia Municipal,-----

-----Ilustres Membros da Mesa,-----

-----Senhor Presidente da Junta de Freguesia Runa e na sua pessoa os demais autarcas desta freguesia, nomeadamente Membros da Junta e da Assembleia de Freguesia,-----

-----Caros membros da Assembleia Municipal,-----

-----Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia,-----

-----Meus caros colegas de vereação,-----

-----Senhor Prior desta paróquia, meu caro amigo Padre José Manuel,-----

-----Ilustres dirigentes e portas estandartes que teimam em estar connosco neste dia e aos quais muito agradecemos,-----

-----Minhas caras e meus caros amigos e concidadãos, a todos vós saúdo e cumprimento.-----

-----Permitam-me que convosco partilhe a minha satisfação de estar aqui em Runa nas comemorações do 25 de Abril.-----

-----Satisfação porque há uns meses atrás quando na Casa do Povo, em torno de um sarrabulho que só aqui em Runa o sabem fazer daquela maneira, se referiu a hipótese de comemarmos Abril aqui e agora, o sorriso na cara das pessoas espelhava a adesão a essa ideia de forma imediata e isso para nós é de grande significado.-----

-----Mas satisfação também por estar aqui porque sabemos que esta foi e é uma terra de antifascistas.--

-----Uma terra que antes de 25 de Abril sempre teve uma actividade política activa, e por isso ao estarmos aqui a comemorar o 25 de Abril, honramos todos aqueles que tiveram essa actividade, que tiveram esse despertar e que nos ensinaram e que nos alumiarão aquilo que foram e o que são os caminhos de Abril.-----

-----Mas também satisfação por estarmos nesta terra e nesta casa que do nada conseguiu fazer história a nível nacional em termos desportivos.-----

-----Foi do nada que aqui se fizeram mais de cem campeões de luta greco-romana em termos individuais e que durante 7 anos consecutivos esta casa foi campeã nacional de equipas.-----

-----Permitam-me que lembre que eram e são ídolos da minha juventude e ídolos da juventude de muitos de nós que aqui estão hoje.-----

-----Que lembre pessoas que entretanto se tornaram minhas amigas embora fossem mais velhas, como o Galantinho, como o Adriano Morais, dois atletas olímpicos que representaram Portugal nas Olimpíadas do México.-----

-----Mas que lembre também o Joaquim de Oliveira que muito conhecem pelo “Batata” e pelo grande, enorme Xico Roque, que era a base de uma equipa que foram campeões nacionais durante 7 anos.-----

-----Mas que lembre também alguém que já não está no meio de nós e que era o cimento aglutinador de toda esta movimentação que foi o motor desta luta, no caso concreto, luta greco-romana. Falo do grande Rui Margaça, que esteve na base e na génese desta casa e dessa referência.-----

-----Meus caros amigos, é com satisfação que também estamos aqui a comemorar o 37.º aniversário de Abril.-----

-----Aqueles que me antecederam descreveram aquele que é o ponto de situação neste país, neste nosso território.-----

-----São sentimentos de desilusão. São sentimentos de desesperança e de alguma desconfiança. São sentimentos de angústia em que alguém, que nós respeitamos e admiramos, já dizem que “se calhar não valeu a pena fazer o 25 de Abril”.-----

-----Por isso também são tempos de aqui e agora e neste palco e nesta sessão solene, dizer a todos de viva voz, de forma consciente, valeu a pena.-----

-----Vale a pena fazer Abril.-----

-----Vale a pena fazer Abril todos os dias.-----

-----Meus caros amigos, meus caros concidadãos.-----

-----Para aqueles que não tem memória, aqueles que não procuram ter memoria, este local é apropriado para fazermos uma pequena volta pelo nosso concelho.-----

-----À data de 25 de Abril de 1974, este sítio, este pavilhão era o único pavilhão polidesportivo no concelho de Torres Vedras.-----

-----Repito, em 1974 este era o único pavilhão que existia no nosso território. Não tinha esta configuração, os tijolos estavam à vista, a casa não estava rebocada, o piso era em cimento, os duches também eram com os tijolos à vista, mas este era o único pavilhão que tínhamos.-----

-----Foi aqui que vi essa gente que lutou, essa gente que foram campeões, dos quais eram referências para mim e para muitos outros. Foi aqui também que enquanto atleta da Física fiz muitos e muitos jogos de basquetebol.-----

-----O pavilhão da Física foi posto ao serviço das pessoas em 1978 e inaugurado posteriormente.-----

-----Em 1974 não havia uma única escola no nosso concelho que tivesse um pavilhão polidesportivo coberto. Anos antes, em 70/71, foi inaugurada a escola, hoje Henriques Nogueira, na altura Escola Comercial e Industrial, que como sabem não tinha um pavilhão, tinha e tem um ginásio.-----

-----Muito se andou, e muito se conseguiu construir.-----

-----Hoje nós temos pavilhões polidesportivos na Escola Padre Vítor Melícias, na Escola de São Gonçalo, na Escola Madeira Torres, mas também na Escola do Maxial e no Externato de Penafirme.---

-----São sítios onde se pratica o ensino e se tem educação física em locais adequados.-----

-----Mas não ficámos por aí.-----

-----Hoje temos pavilhões gimnodesportivos que estão ocupados todos os dias, em Casalinhos de Alfiata, São Domingos de Carmões, Turcifal, Sobreiro curvo, mas também em torno da cidade.-----

-----Junto à cidade há pavilhões polidesportivos cobertos, no Barro, Varatojo, no Paúl, assim como temos pavilhões nas periferias deste concelho, já falámos em S. Domingos, mas também temos no Outeiro da Cabeça, nos Arneiros, em Vila Seca.-----

-----Esta é uma realidade.-----

-----E tão importante quanto esta realidade é sabermos que ao dia de hoje está-se a construir pavilhões polidesportivos cobertos na Escola Henriques Nogueira, mas também no Sporting de Torres, que há-de estar pronto daqui a 2 meses.-----

-----E se calhar ainda mais importante que isso, é sabermos que ao dia de hoje temos vários projectos para construção de Pavilhões Polidesportivos, como é o caso da Junta de Freguesia da Carvoeira e da

Junta de Freguesia da Maceira.-----
----Por isso aqui vos digo, meus caros amigos, valeu a pena, vale a pena fazer Abril.-----
----Estou em crer que muitos de vocês dirão, “era melhor que em 37 anos não se fizesse nada, nada se tivesse construído!!”-----
----É obvio que sim.-----
----Mas também não é menos verdade que os nossos pais, nos 40 anos anteriores ao 25 de Abril, não assistiram a um desenvolvimento, como todos nós podemos assistir e partilhar do 25 de Abril para cá.-
----E é isso que faz toda a diferença e é isso que temos sempre que referenciar.-----
----Permitam-me o último exemplo, até porque iremos inaugurar um novo Centro Educativo, o de Runa com a presença do Sr. Secretário de Estado Adjunto e da Educação.-----
----Não quero ir buscar os 37 anos de democracia, mas o ensino básico, nos últimos 5 anos no território de Torres Vedras, teve um progresso enorme, que só se deve à democracia, que só se deve à participação de todos, só se deve ao poder descentralizado nas Câmaras e nas juntas de freguesia, parceiros fundamentais em todo este desenvolvimento.-----
----Nós no nosso concelho em 2005/2006 tínhamos ensino de inglês nos últimos 2 anos no 1.º ciclo, que era ministrado a 1646 alunos.-----
----Volvidos 5 anos ou seja este ano lectivo 2010/2011 o inglês é ministrado nos 4 anos do 1.ºciclo a 3.386 alunos, ou seja mais do que duplicamos o número de alunos, mais do que duplicamos as horas do ensino de inglês.-----
----No ano de 2005/2006 a Câmara Municipal servia refeições a 687 alunos, o que correspondia a 115.000 refeições /ano. Este ano lectivo proporcionou refeições no 1.º ciclo a 2968 alunos, o que corresponde a 512.000/ refeições/ano, um número que à maior parte de nós, muito possivelmente, nem passaria pela cabeça e que só é possível com um trabalho enorme da Câmara Municipal, mas um trabalho enormíssimo dos Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, aqui presentes.-----
----Também na acção social escolar se em 2005/2006 nós apoiávamos 687 alunos, no corrente ano lectivo proporcionamos esse apoio a 1633 alunos.-----
----Ainda em 2005/2006, tínhamos 22 horários duplos, ou seja crianças que só tinham aulas de manhã ou só de tarde, o resto do dia ficavam entregues à família ou em outras actividades e no presente ano lectivo não existe um único horário duplo neste concelho.-----
----E mesmo falando em actividades, fora do tempo escolar, como é o Programa do Tempo de Férias, em 2006 participavam 69 alunos, hoje participam 1479 alunos.-----
----Esta é uma grande diferença.-----
----É uma grande diferença que também se vê em termos orçamentais, mas é uma diferença que se deve unicamente aos caminhos de Abril e não a outro qualquer caminho.-----
----A Câmara Municipal despendia em 2005 no orçamento para a educação uma verba de €4.128.000,

subtraindo aquilo que é o investimento em escolas, ou seja obras, e este ano, o orçamento da educação extraindo investimento é de €, 7.678.000 ou seja quase o dobro daquilo que se gastava 5 anos atrás. Eu diria quase o dobro do investimento.

-----Por isso é bom que se diga, que se repita e que não tenhamos medo de o dizer bem alto:-----

-----Valeu a pena, vale a pena fazer Abril!-----

-----Vale a pena fazer Abril pela nossa terra!-----

-----Vale a pena fazer Abril pelas nossas coisas, pelo nosso futuro!-----

-----Vale a pena fazer Abril por nós!-----

-----Por nós valeu a pena, vale a pena Abril!-----

-----Viva o 25 de Abril!-----

-----Viva Torres Vedras!-----

-----Viva Portugal!-----

-----Encerrou os discursos, o Presidente da Assembleia Municipal de Torres Vedras, **Sr. Alberto Manuel Avelino**, com a alocução que se transcreve:-----

-----“Sr. Presidente da Câmara,-----

-----Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Runa,-----

-----Senhoras e senhores Vereadores,-----

-----Srs. Membros da Assembleia Municipal, onde estão incluídos todos os Presidentes de Junta,-----

-----Sr. Padre José Manuel,-----

-----Srs. convidados e colectividades presentes,-----

-----Das muitas colectividades presentes, saliento o Grupo Desportivo de Runa não só pela cedência deste pavilhão, mas como citou o nosso presidente de Câmara, porque o seu antigo pavilhão, “pavilhão de faz de conta” foi um autêntico ninho de campeões nacionais e europeus da luta greco-romana. Ensinou muitos jovens que lutar não era matar, lutar era antes um exercício interessantíssimo para o corpo, para a alma e para o espírito. Foi assim que daqui não nasceu nenhum pirata, nenhum assaltante de bancos, mas nasceram homens de carácter extraordinário que todos nós conhecemos tendo sido alguns deles já aqui evidenciados.

-----Estamos hoje a festejar mais uma vez o 25 de Abril e é bom que o façamos sempre.-----

-----É o dia nacional da democracia. Quer queiramos, quer não.-----

-----Mesmos os inimigos do 25 de Abril, e há poucos felizmente, não deixam de reconhecer esse espaço de liberdade que lhes é concedido também para dizer mal do próprio 25 de Abril.-----

-----Quanto ao resto, a existência de partidos políticos, que é o sustentáculo da democracia, possibilita que alguns digam bem; quem está no poder, geralmente é mais apologético dessa linguagem. A oposição, é isso precisamente, é oposição, são os avatares próprios de uma democracia.-----

-----E aqui permitam-me, com alguma brincadeira, dizer, parafraseando William Shakespearer, talvez

o maior escritor do Reino Unido, que viveu no século XVI, e que numa das suas obras escrevia qualquer coisa como isto “ algo vai mal no reino da Dinamarca” pois pareceu-me que hoje algo vai mal neste nosso país que é Portugal, mas que felizmente no concelho de Torres Vedras tudo vai bem, óptimo! Óptimo!-----

----Claro que nestas expressões ”tudo mal”, “tudo bem” há um pouco de brejeirice linguística, mas há alguma verdade.-----

----Portugal não é um mar de rosas, aliás quando é que Portugal foi um mar de rosas?-----

----Se calhar no tempo em que não nos lembramos a não ser lendo a história.-----

----Talvez no tempo dos descobrimentos, um pontapé em qualquer lado que se dava na Índia vinham de lá as especiarias, passavam aqui como cão por vinha vindimada a caminho da Bélgica e da Holanda. O ouro do Brasil, um pontapé em qualquer lado, ouro a rodos que foi quase todo despejado no convento de Mafra, nos bolsos do rei João V e pouco mais.-----

----E então e a entrada na CEE, não foi um período de ouro de 1986 até 1990?-----

----Eu nunca me esqueço o que disse na altura o Ministro da Administração Interna, Eng.º Eurico de Melo, vindo a Torres Vedras em 1986 a propósito da cedência das instalações da então prisão para o Quartel da GNR que ainda hoje lá está “há milhões e milhões que todos os dias chegam a Portugal vindos da CEE”.-----

----Então, parece que foi um período de ouro!-----

----O que é que aproveitamos desse ouro? Transformamos muito desse ouro em pechisbeque! Este foi um dos males, mas também é um pouco do génio português, pois somos muito economistazinhos, mas sabemos desperdiçar muito. E esta é a grande pena.-----

----Ao falar da CEE eu não deixo de citar que se fez a chamada União Europeia. Mas há de facto uma União Europeia? Com a Finlândia agora a dizer “ó portugueses, desenrasquem-se vocês que a gente não tem dinheiro para malandros”.-----

----E eles, quando precisaram há 20 anos, como é que foi? E ninguém tem medo em Portugal e não se fala nem se falou aqui do avanço da Extrema Direita na Europa, na Finlândia, na Holanda e em outros tantos países nórdicos.-----

----Na França ontem, há uma projecção que diz que a classe operária votaria maioritariamente na Extrema Direita da Sra. Marine Le Pen, a 2.ª figura a 34%, seria o homem que está hoje no FMI, Dominique Strauss- Kahn com 17% , sendo a 3.ª figura o Presidente da Republica Sarcozy . Então isto não vos apavora?-----

----Não vos apavora que a França feche a fronteira com a Itália para que não entre nem sequer mais um tunisino, ou um magrebino nas suas terras ou nos chamado Espaço de Shenghen, que é o espaço livre europeu e que fere a lei comunitária?-----

----Então, isto não vos diz nada?-----

-----Ou será que nós aqui neste cantinho do mundo seremos auto-suficientes.-----

-----Não somos, nunca fomos, nem seremos, embora nós tenhamos um espírito comunitário entre nós extraordinário e veja-se aí o espírito altruísta de pessoas de mil e muitas instituições na ajuda do parceiro, na ajuda dos mais carenciados, mas isso só não chega, essa vontade é rica, mas só não chega. E se o 25 de Abril, quando apareceu, nos criou sonhos extraordinários, acho que é bom sonhar.-----

-----Mas já nesse dia todos comungamos nesse sonho. Depois começamos a fazer a destriça, de cada um, de cada uma das nossa cabeças, dos nossos sonhos, dos nossos ideais.-----

-----E é esse principio que ainda hoje temos e não estou a falar no “status quo” deste país que não está bem, é bom que se diga.-----

-----Mas quando ouço Otelo Saraiva de Carvalho, que não se pode sentir dono do 25 de Abril, nem ninguém, o 25 de Abril é dos portugueses todos, quase que a dizer que se for preciso com mais 800 pessoas vai fazer outro 25 de Abril, valha-me Deus!-----

-----Ele que se fique com o seu espírito romântico, que lhe fica muito bem porque de facto também o 25 de Abril foi muito, muito romântico. Já o disse uma vez e repito que até nesse dia ao passar pela Avenida da Liberdade os carros de combate Chaimites, até paravam ao sinal de stop das luzes vermelhas.-----

-----Querem maior romantismo do que isto? Querem maior romantismo do que já aqui foi lembrado com aquela fotografia do menino com caracóis que põe um cravo vermelho numa G3!-----

-----Mantenhamos ainda esse espírito, agora lutemos para que não estejamos sempre eternamente neste mar de dor que também faz parte do génio português.-----

-----E quem não viu ontem e dias anteriores na série “Conta-me como foi “ que se não houver nada, tem que se inventar. Tinha que se inventar que ali pelo bairro vai passar a auto-estrada, ou vão lá fazer uns prédios, ou uma central nuclear, e porque querem defender o seu bairro e se junta meia dúzia de pessoas para o efeito, eis que chega a policia e diz meus senhores vamos embora que aqui não pode haver ajuntamentos.-----

-----Lembro-me muito bem em 1969, eu e mais um grupinho e cito sempre Sérgio Simões que talvez fosse o maior padrinho da democracia da juventude nessa altura, estávamos antes da meia noite, pelo Largo da Havaneza, mas tínhamos a certeza que lá aparecia a carinha da defesa civil do território de altifalantes a dizer “não pode haver ajuntamentos” e nós éramos só 4 ou 5.-----

-----Afinal há qualquer coisa que ganhámos.-----

-----Permitam-me ainda recordar nesta minha ingenuidade, nesta bonomia que sempre me reconheci já lá vão 70 anos, que também ontem vi que em 1974 morriam 37 bebés em mil à nascença e hoje é 3,6 em mil. Vi que o salário mínimo era de cerca de €15 ou 16€, hoje é mau, mas quase que chega aos 500€. Que a taxa de analfabetismo era superior a 40% e hoje rondará os 3% e a chamada reforma da casa do povo, do mundo rural por excelência era 300 escudos ou seja €1,5.-----

-----Dirão, bom o nosso presidente da Assembleia Municipal, está aqui a dizer coisas porreiras. Mas, também vejo algumas nuvens escuras, mas não vejo sempre o céu toldado de nuvens escuras eivadas de trovoada e de chuvadas.-----

-----Meus amigos, lembrem-se do recente terramoto e do tsunami no Japão. Que coisa terrível. Mesmo a ver não acreditamos, até pelo que está agora a ser lançado de todas aquelas centrais nucleares, que vai matando aos poucos.-----

-----E agora Japão? Como terceira potencia maior do mundo, e agora? Como é que é? Será que aquela gente deve deixar cair os braços ou deve restaurar? E será que aquilo não foi um grande grito também para o mundo?-----

-----Centrais nucleares, esta é a terceira que eu me lembre, a de Chernobyl, na Ucrania que fez ontem 25 anos e que ainda hoje é uma zona absolutamente deserta, onde pessoas ainda morrem fruto desse desastre e a própria Harrisburg, nos estados Unidos da América.-----

-----E isto foi bom para acordar a sociedade mundial e também a pequenina portuguesa, quando a grande apologia do salvador da pátria em termos económicos aparecia, aí há 3 anos, que a energia nuclear é bom, é limpa, é barata e é uma beleza.-----

-----Fizeram-se projectos, levou-se gente à televisão, pois energia nuclear é que é bom, mas agora põem o “rabinho entre as pernas”, e pensam se calhar deixa ver o que se vai fazer de melhor para que se crie energia e não falo só nas energias alternativas, que já existe muitas em Portugal.-----

-----Mas tudo isto para dizer o seguinte: a mente do homem nunca está parada, ela acompanha sempre a terra em movimento, não à velocidade de 1500 quilómetros, que é a velocidade em que a terra anda por hora, nada disso, mas como a terra não está perfeita nos seus movimentos e os terremotos são exemplo disso, a mente do homem também nunca está parada e se nós quisermos viver à sombra da miséria, do mau estar e da pobreza em que estamos, não vamos a lado nenhum, morremos todos não de pé, mas caídos tristes e talvez envergonhados.-----

-----Tenho pena e peço muito à juventude, que se chama por alguma razão geração à rasca, o mundo é deles e cabe a essa juventude, não de dez, onze anos, mas com vinte e tal trinta anos, ajudem, esforcem-se, façam muito para que Portugal seja cada vez mais deles e menos a sair para o exterior.---

-----Dói-me ver tantos génios, tantas cabeças boas que vão para o estrangeiro.-----

-----Mas já aqui há 5 anos vi esta história interessante: Havia cerca de 600.000 Europeus da Comunidade Europeia, licenciados, doutorados nos USA que diziam: “nós queremos ir para a Europa e parece que precisam de nós, não pedimos muito, pedimos apenas condições de trabalho e aqui ganhamos mil euros também não queremos ganhar mais, queremos é condições de trabalho e ajudar a nossa Europa.-----

-----E nós portugueses, pequeninos, mas que já mostramos ao mundo que fomos grandes e somos capazes de ser grandes quando é preciso, aqui estaremos para dizer “vamos renovar Portugal, de mil e

uma maneiras” e também no voto, mas o voto é um fruto do 25 de Abril.-----

-----E quando digo renovar não tem que ser, nos diferentes partidos, é a vontade de nós todos, é o nosso papel.-----

-----Lá chegaremos para ver se conseguimos melhorar um pouco o país, mas também para ver se conseguimos dar alguma lição de que somos capazes de muita coisa, e se o FMI, pelo qual eu não morro de amores, está cá, também estive cá em 78 e não se deu por isso, em 83 foi ótimo, trouxe uns tostões a “dar com um pau”, e agora parece que é o papão de tudo.-----

Nós temos que viver conforme as circunstâncias, não podemos criar parâmetros, lutando sempre para melhorar o nosso bem estar no país, e como citou e bem o nosso Presidente da Câmara, o nosso bem estar no nosso município, que de facto é uma realidade, porque mesmo no meio de todos estes males, mais uma vez se vai inaugurar um Centro Educativo.-----

Viva o 25 de Abril, o nosso querido país e o nosso adorado concelho de Torres Vedras!-----

-----Pelos 13.00 horas, o Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a presente sessão.--
